

NO LABIRINTO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS, PELA MÃO DE MARIA DE LOURDES BELCHIOR: ALGUNS MINOTAUROS E UM FIO DE ARIADNE

GABRIEL MAGALHÃES*

Resumo: Neste ensaio, abordadas as reflexões que Maria de Lourdes Belchior fez sobre a problemática dos estudos literários e que estão condensadas, sobretudo, no segundo tomo de *Os Homens e os Livros*. Conclui-se que as ideias da autora sobre o tema resultam, hoje em dia, profundamente desafiadoras e refrescantes. Obrigam-nos a questionar com um novo vigor os rumos que seguiu o estudo da literatura desde a segunda metade do século XX até hoje. E, assim procedendo, obrigam-nos a interrogarmo-nos a nós mesmos, enquanto docentes e investigadores de objetos literários.

Palavras-chave: Maria de Lourdes Belchior; estudos literários; criação; ensino.

Abstract: This essay addresses Maria de Lourdes Belchior's reflections on the problematics of literary studies, which are condensed primarily in the second volume of *Os Homens e os Livros*. It concludes that the author's ideas on the subject are profoundly challenging and refreshing today. They force us to question with renewed vigour the directions that the study of literature has taken from the second half of the 20th century to the present. And, in doing so, they force us to question ourselves, as teachers and researchers of literary objects.

Keywords: Maria de Lourdes Belchior; literary studies; creation; teaching.

Neste ensaio, estudaremos as reflexões que Maria de Lourdes Belchior fez sobre a problemática dos estudos literários, reflexões essas que se encontram, sobretudo, no segundo tomo de *Os Homens e os Livros*. Curiosamente, no grande volume de homenagem que lhe foi dedicado, este tema não foi tratado por nenhum dos colaboradores (Santos e Williams, org., 1995). Na verdade, quando se aborda esta questão, ela costuma reduzir-se a considerar a autora como «um dos introdutores da estilística em Portugal», como afirma Fernando J. B. Martinho (Santos e Williams, org., 1995, p. 288). A uma conclusão equivalente chega Eduardo Prado Coelho, citado pela própria Maria de Lourdes Belchior (Belchior 1980, p. 9).

Na realidade, esta simplificação surpreende um pouco porque esta temática assume, na obra da estudiosa, uma particular densidade. Essa densidade, essa intensidade são tão marcantes que, ainda hoje, nos interpelam. As interrogações que Maria de Lourdes Belchior dirigiu a si própria, enquanto estudiosa da literatura, continuam a desafiar-nos, a nós, que ao estudo da literatura nos dedicamos. A sua complexidade é uma complexidade que, passado tanto tempo, também nos envolve e diz respeito.

De aí que escolhamos como paradigma para tratar este assunto a imagem, igualmente complexa, do labirinto, sendo que essa escolha deriva das próprias expressões de Belchior que, referindo-se ao âmbito do estudo da literatura nas décadas de 50, 60 e 70 do século passado, usa os sintagmas «confusão de Babel» (Belchior 1980, p. 11) e «floresta de enganos» (Belchior 1980, p. 13).

* Universidade da Beira Interior/iA* – Investigação em Artes. Email: gm@ubi.pt.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5010-085X>.

São expressões fortes que marcam bem a inquietação que esta problemática nela despertou e que, provavelmente, se articulava com a sua funda vocação docente. Numa entrevista à RTP, ela assumir-se-á como «apaixonadamente professora. É aquilo que é o meu ofício» (Belchior e Rego 1987). Professora e professora de literatura, sim, mas como estudar a obra literária para depois bem a ensinar?

E cá estamos, então, no tal labirinto que se perfila em textos de Belchior que aparecem nas décadas atrás mencionadas. E, nesse dédalo, o primeiro minotauro com que nos encontramos é a terminologia, particularmente intrincada, que se desenvolve no âmbito dos estudos linguísticos e literários. Um barroquismo lexical que incomoda a autora. Afirma ela existir uma «proliferação de terminologias, mais ou menos esotéricas» que acaba por se traduzir no «uso abusivo duma terminologia caótica», assinalando também «o novo-riquismo de certas amostras de vocabulário “crítico” [aspas da autora]» (Belchior 1980, p. 11). Compreendemos agora melhor o sintagma «confusão de Babel».

Mas não é este, de modo algum, o único minotauro que circula por este labirinto. Existe um outro, bem mais perigoso: o estruturalismo, entendido como uma visão do mundo que também se aplica ao entendimento da criação literária. Na opinião de Belchior, este olhar implica uma desumanização que não poderá deixar de afetar o estudo do texto literário, onde, subentende-se, o ser humano particularmente se projeta. Afirma Maria de Lourdes Belchior:

Paradoxalmente, as ciências humanas, na perspectiva estruturalista, não tratam do homem mas das regras, das normas, do sistema. O estruturalismo nega a historicidade e despreza o sujeito. Donde o poder falar-se de anti-humanismo ao falar de estruturalismo (Belchior 1980, p. 67).

Agora, compreendemos também melhor o sintagma «floresta de enganos», por ela usado. Não se trata, apenas, de uma espiral de vocabulário crítico críptico, que gera opacidade. Na verdade, o próprio olhar «desumano» que se projeta sobre a criação que se faz de palavras poderá estar errado — e passar ao lado do essencial dos textos. Assim, esta desumanização, quando aplicada aos estudos literários, poderá falsificar a natureza profunda e incontornavelmente humana da criação literária. Pode, em suma, esvaziar o nosso trabalho crítico de verdadeira pertinência.

Mas existe ainda um terceiro minotauro a vaguear pelos corredores do nosso labirinto. Referimo-nos à natureza científica dos estudos literários. Perante este desígnio, o de tornar científico o estudo da literatura, Maria de Lourdes Belchior passa por duas fases: na sequência da leitura de *Poesía española*, uma das obras maiores de Dámaso Alonso enquanto académico e crítico literário (Alonso 1993)¹, a autora admite a possibilidade da existência de uma ciência da literatura, num ensaio de 1951 (Belchior 1980, pp. 17-36).

¹ A primeira edição da obra é de 1950.

Contudo, nesse mesmo texto, anota que «*Poesía española* é um livro coloquial, é um livro que fala pitorescamente, com vivacidade, e que, por tal, está longe dos frios tratados científicos obrigados, por assim dizer, a uma linguagem anquilosada e incaracterística» (Belchior 1980, pp. 32-33). Portanto, já no seu elogio ao trabalho de Alonso, aquilo que nele mais se admirava não era o que nesse estudo poderia haver de científico.

Com o passar dos anos, afirma-se o ceticismo da autora relativamente à cientificidade do estudo do texto literário. No «Prefácio» ao segundo tomo de *Os Homens e os Livros*, um texto de 1980, Belchior declara que existe, na literatura, um «mistério», cuja densidade se deve respeitar. E acrescenta: «O que não significa que se não deseje abordar, estudar o *ser* da literatura, afinadamente, denodadamente. Sem, no entanto, confiar demasiado na objectividade e na cientificidade deste conhecimento...» (Belchior 1980, p. 14). Quer o itálico de «*ser*», quer as reticências finais são da própria autora. E é isto, de facto, que se passa: na fase final da sua reflexão, o estudo da literatura como ciência transforma-se, para ela, precisamente, numa reticência.

Dissemos que as meditações da autora sobre literatura ainda hoje nos interpelam. E, com efeito, na atualidade o paradigma científico impôs-se no âmbito universitário dos estudos literários. As Faculdades de Letras assentam em conselhos e comissões científicas de todo o tipo; nas arguições de doutoramento e de mestrado, escutamos este mesmo estribilho da cientificidade. E, na verdade, pela via científica, corremos o risco de passar ao lado do essencial, do mais importante da criação literária. Maria de Lourdes Belchior di-lo de um modo particularmente expressivo: «Parece óbvio que a crítica, que, sobretudo, se fixa no descobrir de mecanismos, estruturas e modelos, se arrisca a ficar pelos arredores da obra literária como o ficavam os que só na biografia ou na psicologia do autor se fixavam» (Belchior 1980, p. 14). Assim, a ciência da literatura, tal como a propôs o estruturalismo, poderia ser, afinal, mais um tiro ao lado dos estudos literários. Será que, porventura, nós, hoje, ainda disparamos dessa forma científica e, no fundo, erramos o alvo, esquecendo aquilo que, na literatura, existe de mais estimulante, de mais profundo?

Do mesmo modo, será que não cultivamos, na atualidade, a desumanização da literatura, que Belchior tanto criticava? Será que não caímos, abusando de terminologias abstrusas, naquilo que ela chamava uma «nova retórica» que, no seu entender, «invadiu os arraiais da crítica» (Belchior 1980, p. 14)? Indo, até, um pouco mais longe: não caímos numa «nova escolástica»? Os especialistas em filosofia sabem que o movimento escolástico medieval gerou grandes autores, grandes obras, cujo conhecimento vale realmente a pena — e cujo reconhecimento se tornou um dever e uma exigência (Canals Vidal 2002). Mas também, na sua fase final, no seu ocaso, a escolástica deu origem a «abusos, que degeneraron en palabrería y en sutilezas muchas veces estériles» (Fraile e Urdanoz 1986, p. 272). Não terão os estudos literários caído um pouco nesse palavreado e nessa esterilidade?

Poderíamos argumentar que as reflexões de Belchior, situadas nas décadas de 50, 60 e 70 do século passado, captaram o pior desse verbalismo fanático, dessa cientificidade de gelo

e que, hoje em dia, no tempo dos estudos culturais, o cuidado pela literatura recuperou a sua dimensão humana mais profunda. Porventura isto será verdade, mas, nas nossas estruturas acadêmicas, nas nossas práticas universitárias, algo existe ainda — ou até mais do que algo — daquilo que a estudiosa apontou. E, nesse sentido, o modo como a autora se questionou, enquanto professora, ainda nos questiona a nós.

Devemos, porém, dizer que Maria de Lourdes Belchior, para além de nos avisar da existência destes minotauros no labirinto de estudar literatura, também nos deu um precioso fio de Ariadne, que, de algum modo, desse labirinto e dos seus monstros nos pode salvar. Trata-se de um texto de 1957, intitulado «Sete parágrafos sobre crítica literária» (Belchior 1980, pp. 55-61). Encontramo-nos aqui perante um espécime muito particular: a «arte poética», não de um autor literário, mas sim de um crítico de literatura que quis, nestas páginas, consignar as suas convicções fundamentais. Se foram desafiantes os minotauros, veremos que este fio de Ariadne nos conduzirá a algumas saídas inesperadas, levando-nos a paisagens surpreendentes do estudo dos textos literários.

Destacaremos cinco pontos. Em primeiro lugar, Belchior chama a atenção para o modo como as correntes dos estudos literários refletem grandes tendências epocais. Assim, o positivismo comtiano marcou o trabalho de Teófilo Braga, tal como o evolucionismo está por trás das conceções de Brunetière (Belchior 1980, p. 57). Esta visão da nossa estudiosa vê-se confirmada no modo como, mais recentemente, o marxismo se refletiu nalgumas conceções do estruturalismo, e o relativismo contemporâneo na desconstrução, ou ainda o tempo do pós-colonialismo nos estudos culturais.

Em nosso entender, porém, Maria de Lourdes Belchior ficou aquém, bastante aquém, do que se poderia dizer neste âmbito. Pensamos que deveria falar-se claramente da natureza política do estudo da literatura, na medida em que os estudos literários têm sido muito influenciados, não apenas pelas ideias e mentalidades de um determinado tempo, como também por fortes tendências políticas que os marcam e os condicionam decisivamente. Sem dúvida, o nacionalismo impregnou, desde o romantismo, a análise das criações literárias (Silva 1988, pp. 550-551), dando origem a essas fortalezas que são as literaturas nacionais, que, como nos ensinou a literatura comparada, deveriam ser relativizadas. Contudo, ainda hoje sobrevive este paradigma nacionalista, segundo o qual a obra literária se assume como um fator identitário crucial: uma bandeira, um estandarte de uma pátria.

Do mesmo modo o paradigma científico, que tanto ocupou as meditações de Belchior, deriva em parte, na sua projeção sobre o texto literário, da preferência que o poder político tem manifestado por este tipo de saber, dando-lhe uma clara prioridade relativamente a outros conhecimentos. Perante esta pressão, com frequência irradiada do poder público, procuraram os estudos literários tornar-se também científicos, de modo a não ficarem fora de jogo no grande casino dos financiamentos do Estado. Nós, estudiosos da literatura, fomos nacionalistas, quando tal era necessário, somo-lo ainda, sem pensar muito nisso, ao mesmo tempo que nos assumimos como cientistas, se o poder político institucional a isso nos induzir.

Em segundo lugar, nessa sua «arte poética» que são os «Sete parágrafos sobre crítica literária», Maria de Lourdes Belchior relativiza precisamente, de novo, esta natureza científica dos estudos literários. Refere-se às «perspectivas, talvez utópicas, da criação de uma ciência da literatura» e compreende «o cepticismo dos que descrêem da viabilidade de uma ciência literária...» (Belchior 1980, p. 60). E, novamente, as reticências são da própria autora, sendo este ser reticente, como vimos, a reação que lhe merecia a cientificidade dos estudos literários. Mas, indo mais longe ainda neste questionamento, Belchior considera que a crítica literária pode até, em vez de ser uma ciência, exercer-se como uma arte. Depois de citar José Régio, a autora afirma que a crítica «implica intuição criadora que descubra e valorize os segredos da obra poética» (Belchior 1980, p. 58). Estamos, portanto, perante um olhar que concebe o mergulho na obra literária como um gesto que poderia, eventualmente, ser científico, mas afinal algo tem de artístico.

Pensemos em tudo aquilo que, nesta área da dimensão artística do estudo da literatura, normalmente não fazemos. Por exemplo, as disciplinas mais abertas, mais inquietas, de escrita criativa estiveram tradicionalmente ausentes dos planos de estudos das nossas licenciaturas em Letras, ainda que, agora, esta situação esteja a alterar-se. Pode, porém, ser estimulante para os alunos experimentarem a escrita literária para melhor entenderem as obras ou, pelo menos, para as compreenderem de outro modo, a partir de uma diferente perspectiva. Por outro lado, quantos professores adotaram o modelo da «performative teaching» (Showalter 2003, pp. 79-87) — em que se vai fazendo a leitura e representação de uma obra, enquanto esta vai sendo estudada — como um modo produtivo de aproximação ao texto dramático? Na realidade, no estudo universitário das línguas e das literaturas, ainda nos mantemos algo presos ao modelo de formação de professores, máquinas de fazer eco, que deverão levar ao ensino básico e secundário a boa notícia da literatura nacional ou o saber útil e prático dos idiomas estrangeiros. Fazer do estudo da literatura um gesto com uma dimensão artística, sem desprezar outros seus aspetos, também fundamentais, abriria novos horizontes ao estudo destas matérias. E não é verdade que, com tanta frequência, os criadores literários são quem melhor nos explica, pelas suas obras, as criações dos escritores prévios?

Contudo — e esta é uma terceira proposta de Belchior —, permanece sempre a importância da linguística e da crítica textual. Não devemos, não podemos deixar de respeitar nunca o rés do chão do texto ou, se quisermos, as suas fundações, os seus alicerces verbais. Torna-se, assim, essencial «a revisão filológica dos textos» e, por isso mesmo, o trabalho crítico reveste-se de uma grande exigência e humildade: «Começa por ser humilde e árduo o seu exercício», refere a estudiosa (Belchior 1980, p. 59). E, numa sociedade em que cada vez temos mais problemas de leitura entre os jovens — precisamente porque ler também constitui uma atividade árdua e humilde —, esta noção de que existe todo um trabalho prévio para se poder falar sobre um texto representa algo de essencial. Em boa verdade, no ensino secundário, tem-se espalhado, entre os estudantes, uma epidemia pavorosa: a de estudar as obras literárias sem sequer as terem lido.

E passemos à quarta e à quinta reflexões de Maria de Lourdes Belchior, por nós destacadas, ideias essas extremamente surpreendentes. Em primeiro lugar, a autora propõe a dimensão ética do ensino da literatura — no sentido mais profundo deste adjetivo, e não no seu aspeto, mais comezinho, de «moralismo». Diz a estudiosa, referindo-se «ao público que lê a obra literária e a sua crítica» (Belchior 1980, p. 61):

Se a esta [à crítica] incumbe educar o gosto do público leitor, guiando-o nos contactos com a obra de arte, pertencem-lhe também o direito e o dever de orientar ideologicamente esse mesmo público. Não se trata de apologética, de propaganda, trata-se de, serenamente, levar o Homem a descobrir na criação literária os sinais da sua miséria e da sua grandeza (Belchior 1980, p. 61).

Notemos o uso da palavra Homem, com maiúscula inicial, o que nos confirma nos problemas que, a Belchior, levantava a desumanização do estruturalismo. Novamente, surge-nos uma literatura que, para ela, funciona como espelho da humanidade, revelando o melhor e o pior das pessoas.

Com efeito, qualquer professor sabe que o texto só vive nas aulas quando dialoga com a verdade pessoal dos alunos. Qualquer docente reconhece que é esta ressonância interior que faz com que a literatura se torne central no percurso académico de um jovem. De aí vem, por exemplo, a força dos estudos culturais, que remexem algumas das feridas mais fundas das nossas sociedades. Belchior tem razão: uma pedagogia asséptica, incolor, da obra literária equivale, em essência, a não a ensinar. Um livro deve implicar uma boa parte do que somos na sua leitura. Se assim não for, nem essa obra aconteceu, nem nós nela acontecemos: nada se passou. Que bela ponta esta do fio de Ariadne que nos está a salvar do terrível dédalo que é estudar textos literários e partilhar com os outros esse estudo e os conhecimentos que, assim, vamos acumulando.

E a última ponta deste fio, a quinta conclusão que tiramos de «Sete parágrafos sobre crítica literária», resulta ainda mais desafiante: será possível estudar literatura sem uma certa dimensão transcendente? Não é no momento inefável em que o aluno ou o leitor percebem a beleza de um texto que o contacto com a criação literária realmente acontece? Não é essa beleza aquilo que fala connosco? Essa sensação de que um poema é perfeito, de que tem algo de mágico, essa emoção avassaladora perante um texto narrativo ou dramático — não implica isso algo mais do que humano? Uma suspeita de uma outra dimensão, de uma outra amplitude? Vejamos aquilo que, sobre este ponto, nos diz a estudiosa, numa afirmação verdadeiramente desafiante. O objetivo último do estudioso e do professor de literatura deveria ser «levar a descobrir na beleza, na harmonia, na verdade da criação artística, sinais da Beleza, da Harmonia e da Verdade que só em Deus são em plenitude» (Belchior 1980, p. 61).

Como sabemos pela sua poesia, Maria de Lourdes Belchior era profundamente crente. Contudo, a pergunta que aqui fica, e que não pode deixar de nos interpelar, é a seguinte: não

convoca a criação literária uma espiritualidade numa dimensão livre, sem códigos, sem igrejas, mas sem a qual também não entendemos a fundo o milagre das palavras em forma de beleza? Deixamos aqui a questão, para a qual temos uma resposta própria, que, porém, a ninguém desejamos impor.

A verdade é que as ideias de Maria de Lourdes Belchior sobre estudos literários resultam, hoje em dia, profundamente desafiadoras e refrescantes. Obrigam-nos a questionar com um novo vigor os rumos que seguiu o estudo da literatura desde a segunda metade do século XX até hoje. E, assim procedendo, obrigam-nos a interrogarmo-nos a nós mesmos, enquanto docentes e investigadores de objetos literários. Talvez estas ideias nos permitam começar de novo, com passos um pouco diferentes, o trabalho que levamos a cabo. Realmente, se refletirmos um pouco, a literatura faz parte da grande aventura espiritual da humanidade. E, sem pensarmos muito nisso, nas últimas décadas talvez a tenhamos espartilhado, preso, em visões limitadas, burocráticas, académicas, que não são, afinal, a sua verdadeira pátria.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Dámaso, 1993. *Poesía española: Ensayo de métodos y límites estilísticos*. Madrid: Gredos.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1980. *Os Homens e os Livros. Séculos XIX e XX*. Lisboa: Verbo. Vol. II.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, e Padre António REGO, 1987. 70x7 [programa] [em linha]. RTP Arquivos. Lisboa. 1987-08-06 [consult. 2024-02-14]. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/70x7-4/>.
- CANALS VIDAL, Francisco, 2002. *Textos de los grandes filósofos (edad media)*. Barcelona: Herder. Curso de filosofia tomista.
- FRAILE, Guillermo, e Teofilo URDANOZ, 1986. *Historia de la filosofía*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. II (1.º): *El cristianismo y la filosofía patristica. Primera escolástica*.
- SANTOS, João Camilo dos, e Frederick G. WILLIAMS, org., 1995. *O Amor das Letras e das Gentes: In honor of Maria de Lourdes Belchior Pontes*. Santa Barbara: University of California at Santa Barbara/Center for Portuguese Studies.
- SHOWALTER, Elaine, 2003. *Teaching Literature*. Malden; Oxford; Victoria: Blackwell Publishing.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, 1988. *Teoria da Literatura*. 8.ª ed. Coimbra: Livraria Almedina.

